

Pedro Miguel Lamet

As Palavras Caladas

Diário de *Maria de Nazaré*

TRADUÇÃO
FÁTIMA RAGAGELES

9ª EDIÇÃO



EDITORIAL A.O.

Título original

Las Palabras Calladas

© Editorial Paulinas – Pia Sociedad Hijas de San Pablo

ISBN 9788415022459

Imagem de capa

Apresentação no Templo, de Giovanni Bellini

Capa e execução gráfica

Atelier Mam Design | Madalena Azevedo Mendes

Impressão e acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito legal

506236/22

ISBN

978-972-39-0949-4

Tradução

Fátima Ragageles

Revisão

Jorge Ragageles

Consultor

Francisco Pires Lopes, s.j.

1ª edição

Novembro de 2005

9ª edição

(2ª edição na Editorial AO)

Outubro de 2022

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 440

www.redemundialdeoracaoopapa.pt | livros@snao.pt

Maria, por seu lado, guardava todas estas lembranças e meditava-as no seu coração.

Lucas 2, 19

Índice

<i>Palavras caladas</i>	9
<i>Vasco Pinto de Magalhães, s.j.</i>	
1. <i>A janela</i>	13
2. <i>O noivo</i>	25
3. <i>O anúncio</i>	37
4. <i>A visita</i>	49
5. <i>A dúvida</i>	63
6. <i>O menino</i>	73
7. <i>A lei</i>	91
8. <i>O exílio</i>	109
9. <i>O regresso</i>	127
10. <i>O trigo</i>	145
11. <i>O leproso</i>	153
12. <i>O sábado</i>	167
13. <i>A adúltera</i>	181
14. <i>A perda</i>	191
15. <i>O pastor</i>	205
16. <i>O ocaso</i>	215
17. <i>A notícia</i>	229
18. <i>O chamamento</i>	245
19. <i>A festa</i>	261
20. <i>A mãe</i>	271
<i>A quem ler</i>	283

Palavras caladas

Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

Um diário íntimo. Uma mulher simples, centrada e situada, não inventada, a fazer contas à vida, que a ultrapassa e compromete... Por ela se pode ter acesso ao segredo da Mulher de todas as épocas e geografias! Uma maneira renovada e concreta de falar de Deus, vivo no interior da vida, e da tensão que nos torna humanos, o desafio entre o Dom e a Liberdade.

Descobre-se, neste livro, a Beleza interior! Só por isso já vale a pena lê-lo, envolvidos como estamos no endeusamento da forma e do espectáculo.

Pedro Miguel Lamet volta a surpreender-nos com a sua enorme capacidade de captar o mais genuíno do ser humano. Desta vez faz-nos conhecer interiormente alguém tão excepcional como comum, alguém que viveu sempre tocado pela experiência de Deus... e sempre com os pés na terra! Usando todos os fundamentos bíblicos, arqueológicos, espirituais e culturais disponíveis, pôs-se a adivinhar a conversa interior de Maria de Nazaré, a Mãe de Jesus. E o resultado é, também, uma releitura das escrituras bíblicas, iluminadas e reunificadas pela sua pessoa e pela sua missão. Na literatura profética e sapiencial “a mulher” é o símbolo do povo eleito que “anda de esperanças” do seu messias. Em Maria se concretiza essa espera. Em

Maria se personaliza também o símbolo do novo povo, a Igreja, que tem a missão de gerar Cristo no mundo!

Este livro faz-nos descobrir, serenamente, como quem canta o seu poema ao fim da tarde, o fundo mais fundo do ser humano, a marca do divino.

Palavras caladas são aquelas que dão corpo à “conversa com os próprios botões”! Cada um, consigo mesmo, interiorizando gestos e momentos, “dando voltas no coração”, abrindo-se à inspiração, poderá tomar conta do próprio passado, dar-lhe sentido, e tornar-se capaz de profetizar o futuro: desejá-lo e arriscá-lo, coerentemente.

Há qualquer coisa de divino, de Graça recebida, nessa escuta “mastigada” que dá frutos de humanidade. E não é essa a história, ou o mistério, da gestação do Verbo, Palavra calada de Deus a humanizar-se?

Pedro Miguel Lamet já nos tinha enriquecido com outras duas obras recentemente publicadas em português pela Tenacitas, o romance histórico *O Cavaleiro das Duas Bandeiras* e a biografia *Pedro Arrupe*. Agora, que atrevimento!, convida-nos a escutar a voz interior de Maria de Nazaré. Mesmo que para muitos seja pouco e mal conhecida, ela está, no entanto, no centro da história do Ocidente e, seja-se crente ou não, a sua presença e o seu significado não são descartáveis para a compreensão da raiz cristã da cultura ocidental. Os cristãos vêm-na e veneram-na como a “figura” e o “ideal” de Humanidade.

Haverá, pois, que entrar neste livro como quem abre respeitosa-mente uma “arca de aliança”, um cofre de memórias íntimas e preciosidades pessoais. Ao princípio poderá apenas ficar-se envolvido em simpatia, saboreando pequenas peças que retratam a figura da mulher simples tocada de especial cuidado, única, talvez, na sua sensibilidade e na sua fortaleza. A verdade é que mesmo para um agnóstico sem preconceitos ela representa, no imaginário-base da nossa cultura, o protótipo feminino por excelên-

cia de jovem e mãe. Mas este livro leva-nos ainda mais longe, dá-nos a conhecer os usos, os costumes, as leis e as tradições judaicas daquela época e, por outro lado, através das numerosas citações bíblicas, encaminha-nos para uma visão teológica e unificada dos textos bíblicos, que só nos revelam o seu mais fundo significado quando lidos à luz do Cristo da fé. Isto é, o olhar e a oração de Maria fazem aquilo que hoje chamaríamos a leitura cristológica e cristocêntrica do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Maria é a humanidade depurada, virgem, capaz de Deus e por quem Deus entra a fazer parte da nossa história. Nessa charneira, desse encontro, nasce e se revela, em Jesus, filho de Maria, quem é o Homem.

Bem observava Simone Weil quando dizia que o Evangelho antes de ser teologia é antropologia.

Creio, sinceramente, que a beleza, a interioridade e a paz que estes textos nos proporcionam restauram em nós a Esperança, esperança todos os dias ameaçada pela violência, pela mentira e pela injustiça, fracturando o humano, excluindo os pequenos, desrespeitando a vida. Talvez seja por desvinculação e falta de mãe que nos custa tanto sermos irmãos...

Dizia o grande teólogo Karl Rahner que só as ideologias não precisam de mãe; a pessoa não pode existir sem ela. Obrigado, Pedro Lamet, por este diário íntimo que nos faz reencontrar a Mãe, a Nossa Senhora de que o mundo precisa para ser fraterno. Obrigado por estas *Palavras Caladas* que ficam no coração e o transformam.

13 de Novembro de 2005

A janela

*S*empre gostei de apoiar os cotovelos no parapeito da janela e deixar os olhos vaguear pelos olivais e para além da linha ondulada do horizonte, sobretudo quando amanhece e um cheiro húmido a erva nova sobe suavemente da terra, a minha terra de Israel, cálida e mediterrânica, que me viu crescer como uma criança enamorada e agora recolhe as minhas recordações uma a uma, tal como recebe as uvas tenras que a parreira da latada deixa cair. Que recordações pode ter uma jovem mãe que de repente se sente sozinha no abismo da incerteza, à espera de uma notícia, pressentindo uma surpresa, no meio do desconhecimento e do sobressalto? Nunca deixei de ser jovem e alguma coisa dentro de mim me diz que nunca envelhecerei. As pessoas como eu nasceram para ser eternamente adolescentes. Por isso estes papiros, guardados na arca, no meio da roupa de linho e das maçãs, são agora o meu refúgio e o meu consolo no silêncio.

Já então eu gostava do silêncio que aqui acompanha o crepúsculo, violáceo e aprazível como os beijos de uma mãe, que amplia os pequenos ruídos da tarde que morre e impregna de nostalgia o último brilho do sol sobre os sulcos desta terra que o meu pai lavrava. Talvez por isso a minha infância seja

como aquela janela através da qual a Ana, a minha mãe, me chamava quando estava no quintal, a lavar roupa num alguidar inclinado. A maneira como se agitavam no meio da roupa os seus braços robustos, feitos para abraçar, morenos e castos como vasilhas a transbordar de leite! Ela era a mulher, a segurança, com a sua cara de fogaça tenra cozida a primor e as suas cores de fruta madura. Ó mãe, a falta que eu sinto das tuas canções e da maneira alegre como enxugavas as mãos e me entrançavas o cabelo!

– Maria, o que é que estás a fazer aí especada, a mirar e a remirar? Vem ajudar-me, que há muita roupa para lavar – dizia ela, sempre com um sorriso no rosto, como se a alma fosse escapar-lhe pelos aquosos olhos cansados, tão pronta e tão trabalhadora, logo desde a madrugada, tão limpa como a roupa que as suas mãos punham a corar ao sol.

E eu abandonava o meu silêncio, as minhas paisagens e as minhas meditações de menina púbere ensimesmada. *O que faço eu aqui? Porque é que sou tão magricela?*

– Esta criança só tem olhos – disse certa vez o meu pai, pouco depois de eu ter feito onze anos, vendo-me a saltar à corda com a minha prima Isabel, que tinha o dobro da minha idade e vivia em Ain Karim, mas que voltava à terra de tempos a tempos.

– Maria, só sabes rir? Anda, trata mas é de amassar o pão, se não a farinha seca!

E eu largava a corda e ia com a minha prima afundar as mãos na amassadeira, e era como se amassássemos o mundo.

– Lava-me essas mãos, que vais sujar tudo! – Gritava a mãe-galinha, feliz entre os pintainhos.

Eu, naquela idade, achava-me feiinha, com mais pernas do que torso, embora as velhas da aldeia murmurassem: “Como é bonita, a Maria da Ana, é tão delicada que parece que vai partir-se quando anda e tão graciosa que caminha como se can-

tasse, a gaiata.” “Que linda vai ser esta miúda quando crescer, com tanta graça no corpo como os juncos que ondulam nas margens do ribeiro!” “Vai conquistar os rapazes todos.” “A Maria é bonita e boa menina, mas não abre a boca, ainda que quando sorri é como se soltasse no ar um discurso de mil pombas.”

Toda a gente se metia comigo por causa dos meus silêncios.

– Está sempre tão calada, sentadinha na pedra que dá para o poente, de olhos fechados, como se se ressentisse de alguma coisa lá dentro... Isto preocupa-me, Joaquim, porque é ainda muito novinha e parece que já viveu muito. Não ficas espantado com as coisas que ela diz? Lembras-te daquele dia em que voltámos para casa depois de celebrarmos a Páscoa com os teus irmãos e ela disse: “Estou tão contente e tão triste ao mesmo tempo que parece que se me vai partir o coração”?

O cego Tobias era a única pessoa que não pedia que eu falasse.

– Senta-te aqui ao pé de mim, Maria, que basta aqui estares para já me fazeres companhia – dizia ele, e eu sentia que era capaz de ver o mundo através dos seus olhos vazios, que viam mais sem olhar do que todos os olhos que estavam cheios das cores dos dias de festa. O Tobias parecia viver o salmo que diz: “Tu, Senhor, acendes a minha candeia,/ Senhor meu, tu alumias as minhas trevas.”

– Pareces mais velha, Maria – dizia-me o Tobias, numa voz que sibilava ao passar-lhe através dos dentes estragados, enquanto fazia festas no cão que lhe servia de guia –, é como se já tivesses vivido tudo.

– Ainda és uma menina mas tens qualquer coisa da mãe que viveu sempre em família – dizia-me ele muitas vezes, à espera e sabendo tudo, e eu ficava sentada ao pé dele, a partilhar o silêncio, o nosso silêncio.

Que segredos estavam guardados naquele silêncio de adolescente? Porque é que eu gostava tanto da janela que dava para

o poente? As pessoas dizem que sou uma menina piedosa, mas não é isso que eu sinto. Não sou como a Raquel, que passa o dia inteiro atrás do rabino e a recitar salmos. Eu gosto do silêncio por si só, ou de estar à janela. É como se uma impressão íntima viesse cá para fora quando contemplo a paisagem, quando a olho a partir desta coisa, deste poiso íntimo, que vigia com gozo no mais profundo de mim, e ela me acaricia a alma. Então sim, então às vezes recito um salmo, mas não é porque faça falta, já que é como se tudo fosse um salmo – ver o meu pai, transpirado, a subir a ladeira à vinda do trabalho; brincar às casinhas com a Isabel; ajudar a minha mãe a pôr a mesa; ir buscar água à fonte...

Ah, a fonte! Já então eu ficava extasiada a ver a água a correr. Naquela altura a água gritava de alegria na minha vida.

– É uma criança muito alegre – dizia a minha mãe aos amigos dela –, mas tem um fundo triste, como se já fosse um pouco adulta e soubesse de mais.

Devia dizê-lo por causa dos meus silêncios, mas o que ninguém sabia era que eles não eram só um poço escondido, do qual a minha alma bebia, mas a minha janela aberta para todas as coisas, para o mundo, para as pessoas, para a madrugada, para o dia e para a noite. A minha janela era como uma moldura a enquadrar a vida, que estava cheia de palavras redondas e limpas – cabeça, candeia, armário, cobra, monte, salamandra, saltimbanco, murta, romã, amendoeira, ribeiro, sarmento...

Um dia, estava eu encostada ao parapeito da janela, vi um homem baixo e gorducho, montado num burro felpudo, a aproximar-se. Vinha a embrulhar-se na túnica azul e vermelha e espreitava por baixo do turbante, como se tivesse medo e estivesse preocupado. Ele chamou e eu, como não estava mais ninguém em casa, fui abrir-lhe a porta. Quando o vi ao perto fiquei assustada com o aspecto dele. Tinha um corte na face

direita e a barba muito suja e ria-se mostrando os dentes tortos e amarelos. Puxou de uma faca e disse-me:

– Se ficares sossegada, cachopa, não te faço mal. Fica aí sentada e quietinha.

Eu obedeci-lhe, com o coração sobressaltado, e fiquei sentada, contendo a respiração, em cima da arca em que a minha mãe guardava as suas escassas jóias – algumas pulseiras de ouro e uns brincos de lápis-lazúli, toda a sua fortuna –. O intruso revolveu a casa toda. A mim partiu-se-me a alma quando ele começou a remexer nas arcas em que a minha mãe guardava a roupa, que cheirava a alfazema e a tomilho e que ela dobrava com tanto cuidado, como se fosse seda preciosa de Sabá.

O homem procurava dinheiro, está claro, mas não encontrou nenhum.

– E tu, que estás para aí a olhar? – Perguntou-me ele, porque o espanto devia abrir ainda mais os meus olhos grandes de gato assustado escondido na sombra. – Não tens medo? Diz alguma coisa, miúda, que me deixas nervoso.

Mas eu continuava calada, meio assustada, meio expectante. Por instantes julguei que ele ia atacar-me, apalpar-me com as suas mãos enormes, escuras e boçais. Nessa altura devo tê-lo olhado de tal maneira que ele ficou especado no meio do compartimento, sem saber o que fazer.

Quando, não tendo encontrado um único denário, o ladrão se foi embora, o medo, não sei porquê, transformou-se dentro de mim em qualquer coisa muito estranha. Senti que aquele homem feio e disforme fazia de algum modo parte de mim, que era parte do meu ser. *Não vou dizer nada a ninguém, pensei, ainda vão pensar que sou doida.* Sim, o indivíduo parecia um animal. Aquele urso faria parte de mim, parte da minha carne branca, frágil e transparente? *No fim de contas não levou nada, percebeu que ainda somos mais pobres do que ele.*

Naquele dia soube que era diferente não apenas porque amava o silêncio, mas porque no meu silêncio podia viver o mundo inteiro, todas as terras, todos os mares e todas as pessoas. Portanto, na sinagoga, quando ouvia recitar o salmo da cerva que anda em busca da fonte, “Assim como a cerva anseia pelas correntes de água,/ assim a minha alma anseia por ti, ó Deus”, dizia a mim própria: “Eu não preciso de ir à fonte, porque a fonte está dentro de mim.” Poderia alguém acreditar no que eu sentia, que tinha toda aquela água nas minhas entranhas e podia bebê-la sempre que quisesse? Talvez por isso falasse pouco. *Não vão perceber, o melhor é sorrir-lhes.* E na verdade, quando eu sorria, quase todos ficavam tão contentes como se lhes tivesse oferecido um presente.

Quando o Joaquim, o meu pai, me sentava nos joelhos para me explicar a história de Israel, eu gostava, mais do que das suas palavras, que caíam como graúdas gotas de mel no leite, daquilo que pairava no meio delas, daquilo que as suas palavras ocultavam. Quando ele me contava que, na altura em que os nossos antepassados andavam pelo deserto, havia uma nuvem sobre a tenda da aliança, a cobrir o santuário, e que, quando o acampamento era levantado, a nuvem se punha em movimento, acompanhando o santuário, eu ouvia-o sem dizer nada, aninhada entre os seus grandes braços, a sentir a sua grande barriga a palpitar como um mundo em miniatura, mas intimamente sabia que a nuvem não era uma nuvem mas a enorme fé de Moisés. Sabia também que não podia dizer-lhe isto, portanto ficava calada enquanto o dedo comprido e encarquilhado do meu pai ia percorrendo o pergaminho e a sua barba me fazia cócegas. “Ouviram dizer que tu, Senhor, te encontras no meio deste povo; que tu, Senhor, te deixas ver face a face; que a tua nuvem está sobre este povo, e que tu caminhas à sua frente numa coluna de nuvens durante o dia e numa coluna de fogo à noite.”

Para mim isto era tão cristalino que não precisava de ver a nuvem nem o maná nem as pragas do Egípto nem as barbas de Aarão. Eu sabia que as mãos de Deus se derramavam por todas as coisas, que faziam mover as ondas do mar e que distribuíam o vento e a chuva pelos campos; sabia que tudo era mais simples do que o que os rolos da Tora diziam ou do que aquilo que está escrito nas filactérias dos sacerdotes; sabia que todos os seres humanos trazem dentro de si, desde que nascem, um livro ainda mais perfeito, mas que depois, por causa das preocupações, ele se fecha e que ninguém se apercebe da sua luz.

A mim bastava-me assomar à janela, à minha paisagem recordada, ao meu pedaço de vida. Da minha janela via as galinhas a debicarem no pátio e os pintassilgos a poisarem nos ramos das árvores, via a mudança das estações e a cor da paz com que as coisas adormeciam e a luz com que gritavam todas as manhãs quando acordavam. *Cocorocó*, assim me despertava de madrugada o galo de crista vermelha, e então eu saboreava cá dentro: existo, sou; sou rio e gruta e monte e pedra do ribeiro. É verdade que da minha janela também via coisas tristes, como aconteceu no dia em que o avô da minha vizinha Ester foi levado a enterrar. Lembro-me de que chorei com ela, mas as lágrimas corriam-me dos olhos sem me ferir, porque eu chorava pela Ester, não pelo avô dela, e fazia-o sem sentir tristeza, porque já naquela altura sabia que morrer era como encostar a cabeça ao ombro do meu pai. Como me sentia bem então, como me sentia feliz e segura! A minha janela para a rua era a réplica da minha janela interior, na qual o sol, o campo e a chuva também moravam, da qual também se via o mar, as tempestades e as estrelas.

Um dia, quando eu tinha doze anos, a minha mãe passou-me a mão pelo cabelo, endireitou-me a túnica e disse:

– Anda, vai brincar. Não sei porque é que às vezes parece que estás triste.

Eu disse-lhe que não com a cabeça, mas ela sabia muito bem, como sabem todas as mães, que são capazes de ver para além do espaço e do tempo. Alguma coisa a minha mãe veria no fundo dos meus olhos para adivinhar o meu futuro como um grande amor feito de uma imensa felicidade e de uma enorme tristeza.

– O que tu crescestes, rapariga, já estás uma mulher! – A frase da vizinha pareceu-me mais real naquela noite, quando despi a túnica de baixo, o *kutonete* de linho branco do Jordão que a minha mãe tinha lavado há pouco tempo, e despertei para a minha feminilidade. Descobri que os meus seios tinham crescido, fazendo lembrar pequenas e redondas vasilhas de leite, e que um dia podia vir a ser mãe. Compreendi então melhor os versos do *Cântico dos Cânticos*.

*Sou morena e sou formosa,
mulheres de Jerusalém,
como as tendas de Quedar,
como os pavilhões de Salomão.*¹

Começava a ficar enamorada do amor, como todas as adolescentes, e a ouvir, como se fosse a música da água a saltar por entre as pedras: “Que linda és, amiga minha,/ mas que linda és./ Os teus olhos são como pombas”, ou estes outros versos, que me encantavam porque os pressentia secretamente destinados a mim: “Como uma rosa entre os espinhos,/ assim é a minha amiga entre as mulheres.” Comecei então a perguntar-me se não é da intuição que nasce o amor e porque é que o que cimemta as grandes alegrias é o sofrimento, e ainda hoje não consegui responder a estas perguntas.

Ser mulher e ser mãe era em Israel, naqueles tempos, um enorme desafio. Na minha imaginação de adolescente desfilava

¹ Ct. 1, 5.

a bela Judite, a heroína do nosso povo, enfeitada com as suas mais ricas pulseiras de ouro e com diademas a cintilar de pedras preciosas, com o corpo a ondular no meio de sedas, a receber uma enorme taça de ouro do perturbado Holofernes, que Judite executaria impiedosamente com o alfange dele. “Que grande mulher, que salvou o seu povo!”, comentavam entusiasmadas as minhas amigas. Mas eu, eu não me via com a cabeça ensanguentada de Holofernes nas minhas mãos brancas, heroína violenta e orgulhosa. De Judite as minhas amigas gostavam da valentia, da ousadia e da entrega total ao seu povo; de Sara, a mãe de Israel, gostavam da compostura, e de Ester gostavam da beleza que fez dela rainha. Mas de que valia tudo isto quando comparado com a alegria de amar um homem e de ser mãe?

Desde pequenina que ouvia dizer que não havia maior felicidade para a mulher hebraica do que ser mãe, e davam-me o exemplo de Rebeca, de quem milhares e milhares de pessoas descendiam, tantas que eram capazes de conquistar cidades inimigas, mas também, é preciso dizê-lo, de odiar e de se bater em batalhas terríveis. No seio de Rebeca digladiavam-se já Isaac e Esaú.

Não, não, de maneira nenhuma, eu não queria ser uma heroína nem a esposa de um rei nem a mãe de um príncipe, queria apenas estender os braços e oferecer um pouco do fogo que crepitava como uma promessa nas minhas entranhas. Tinha o sonho, como todas as raparigas, de um dia vir a embalar um bebé, mas também sentia que o pequeno Abdias, o filho da Noémia, era de algum modo meu filho, como o eram o cego Tobias e o ladrão que tinha assaltado a minha casa-caverna quando eu lá estava sozinha, à janela.

Eu não sabia explicar este vasto amor que não tinha nome nem apelido, mas que no entanto era pessoal, delicado, repleto de cheiros, de encontros e de recordações. Quando ia sozinha

para o campo punha-me a correr pelo meio das videiras e a apalpar com as minhas mãos de criança a casca sulcada das oliveiras e depois deixava-me cair debaixo de uma árvore velha de copa frondosa e ficava a ver as nuvens a passar no céu. Cada uma delas convidava-me a cantar : “Meu Deus, como me sinto animosa,/ vou cantar e tocar para ti, glória minha.”

Nessa altura sabia-me a mais pequena do mundo e apalpava a barriga, plana e quieta como um lago sob as estrelas da noite, e dizia, sem palavras, ao meu Deus: “Que queres de mim, Deus meu?” E ele respondia-me com o seu silêncio, que era ao mesmo tempo um beijo de fogo nas minhas entranhas. E, quando as primeiras estrelas apareciam no céu, aquele amor doía-me, como se de repente se tivesse transformado numa espada prestes a trespassar-me o coração.

No dia seguinte esquecia-me de tudo e tornava a ir brincar à cabra-cega para a praça da aldeia ou punha-me a cantar quando ia de novo ajudar a minha mãe a amassar pão ou a descascar feijões. Eu sabia que os rapazes começavam a reparar em mim e isso, tenho de admiti-lo, enchia-me de orgulho e fazia-me corar, sobretudo quando a minha mãe dizia ao meu pai, com o seu riso zombeteiro e afectuoso:

– Temos de procurar um noivo para a cachopa, Joaquim, que já está a entrar na idade do casório.

Aquilo perturbava-me, não posso negá-lo, pois, sendo uma rapariga, é claro que me sentia atraída pelos rapazes. Mas ao mesmo tempo tinha medo de que invadissem o meu segredo. Seria algum capaz de o compreender? Não pareciam eles um bocado desajeitados e vulgares, sempre a chapinharem no ribeiro e a atirarem pedras uns aos outros? Então voltava para a minha janela e divertia-me a abrir e a fechar os olhos. Quando os abria dava graças aos céus pelas cores, quando os fechava dava graças a Deus pelo silêncio.

E assim, entre os sorrisos do Joaquim e da Ana, como um suspiro, quase sem que eu desse por isso, a minha infância passou. Algumas pessoas ter-vos-ão contado que, de acordo com a tradição, fui conduzida a um templo e consagrada a Deus, mas essas não sabem que as minhas brincadeiras, tal como a água límpida da fonte e as penas da minha mãe, já eram sagradas. Quando me apercebi de que os meus pais eram muito religiosos e muito fiéis à tradição, o templo não foi uma coisa nova para mim. Era como se tivesse estado lá dentro sempre que corria pelos campos, sempre que via o Sol a pôr-se, como quem anuncia a noite, sempre que observava as pessoas, ao meio-dia, sentadas na praça... Naquela altura aprendi uma lição que guardaria para sempre como o melhor segredo de toda a minha vida, a de que basta olhar e ficar calado para que o milagre se acenda.